

TATI BERNARDI

Você nunca mais vai ficar sozinha



Sumário

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

Sobre a autora

Créditos

*Para minha avó, minha mãe
e minha filha*

1.

Oi, eu sou a senha preferencial 76. Prefiro fazer o de urina primeiro porque estou apertada. Se bem que melhor não. Vamos começar pelo de sangue porque tenho hipoglicemia e já estou há horas sem comer. Posso tomar o lanchinho e depois voltar e colher a urina sem pegar fila? Tudo bem, esquece. Não tenho aflição de agulha, só não fico encarando. Nossa, precisa tudo isso de tubinho? Quase dez semanas. Vomitei só duas vezes, mas tive vontade umas duzentas.

Não sou daquelas grávidas saltitantes, não me tornei um unicórnio alado da alegria suprema. Amo esse filho, amarei esse filho. Acho que é menino. Falo pras pessoas que com tanto mal-estar e cansaço e prisão de ventre nem uma dessas mocinhas bem bobas e leves e “apaixonadas pela vida” permaneceria solar. Mas é mais do que isso.

Poderia dizer que parei com o Efexor assim que descobri que estava grávida e esse desmame repentino me fodeu a cabeça. Mas é mais do que isso. Não é exatamente divertidíssimo ver meu escritório em casa se transformando num quarto de bebê. Não é exatamente natural e mágico ver meu corpo, que trabalhava quinze horas por dia e fazia pilates e musculação e sexo, se arrastar deprimido pelo jardim do prédio. Sinto que toda a minha energia vital foi sugada por um pequeno óvni e que, enquanto isso, uma torcida organizada (pela minha mãe) chamada “todo o resto da humanidade” chacoalha pompons na

minha cara e levanta faixas com os dizeres “tem que se sentir muito animada e abençoada ou você é uma vaca”.

Ai! Eu sempre sinto mais dor na hora de tirar a agulha.

Estou com muito corrimento, excesso de saliva e uma ligeira vontade de pular da janela. Minha boca vive com gosto de prego enferrujado. Virei um corpo sem desejo e sem ânimo hospedando um negocinho minúsculo que transformou minha rotina num conjunto de dias longos, tristes e desesperadores. E, porque as pessoas são insuportáveis e cruéis e ignorantes, ainda lido diariamente com a pergunta “mas você não está feliz?”. Ou: “Você não ama o seu bebê?”. Que bebê, minha gente? Ceis tão vendo alguma coisa aqui além desse balde vomitado que eu deixo ao lado da cama caso não dê tempo de chegar ao banheiro?

Outro dia fiquei pensando que desenho eu faria de mim e me imaginei presa a uma bola de ferro. Mas a corrente da bola ia até meu coração.

2.

Contei de quando a Tia Perseguida me chamou pra ver o formato do cocô dela? Ela chorava e falava: “Não parece um caranguejo?”. Não, tia! “Parece sim! Isso é um sinal! Caranguejo é câncer no zodíaco! Será que tenho câncer de intestino?”

Aos vinte e cinco anos ela era uma moça muito bonita e tinha vários namorados. Anotava num bloquinho, que deixava ao lado do telefone, a desculpa que era para dar a cada um deles, quando ligassem. Meu avô se atrapalhava e ela ficava puta. A gente achava aquilo tão moderno, tão feminista, tão descolado. Mas já era a doença. Certa feita ela aceitou o pedido de casamento de todos e, quando estava tudo pronto, ela casou com o mais estúpido deles “porque tinha o corpo mais forte” e achou educado convidar os outros pretendentes para o casamento. Assim que nasceu sua filha, ao vê-la em seus braços, ficou possessa porque era a cara do pai: “Vou ter que ter outra para parecer comigo, não dá pra ter uma filha com a cara desse idiota”.

Minha mãe e minhas tias nasceram no Belenzinho, em uma rua chamada rua dos Gloriosos. Acho incrível como, às vezes, um nome pode servir como uma ironia ambulante a encaixar toda a vida de uma pessoa. Por exemplo, a menina mais feia da minha escola era a Bela. A mais maluca e pilhada, a Serena. O

meu namorado mais brocha obviamente vinha da família Hirto. E por aí vai.

Na rua dos Gloriosos, todo mundo era o que chamávamos de “não deu em nada”. Igual minha avó dizia sobre as filhas e sobre mim: “Ninguém dessa família vai vingar”.

Elas viviam falando de um vizinho que era fiscal da prefeitura, chamavam ele de “gênio da propina”, dono de vários terrenos na praia, que morou com a mãe numa casa caindo aos pedaços até os sessenta e quatro anos, e então morreu (antes da mãe) sem nunca ter ido à praia.

Contavam também do Poli, um garoto bem burro que, misteriosamente, conseguiu entrar na Escola Politécnica da USP, a Poli. Logo depois da universidade começo a beber, parou de fazer a barba e não fez mais nadinha da vida. Nunca trabalhou como engenheiro. Nunca trabalhou com nada. Até que um dia virou o Gole.

Tinha a Sâmia, herdeira do maior supermercado do bairro, que passou a vida trabalhando de caixa, tamanho medo de ser roubada. Guardou no quartinho de empregada da sua casa cada centavo que ganhou. Convertido em dólar, claro! Nunca namorou. Não acreditava no amor nem nos bancos. Morreu de infarto e os irmãos foram primeiro ao quartinho contar a grana e depois acudir o corpo dela caído no chão do seu quarto.

Daí a coisa descambava para o Rabisco, filho de um vereador conhecido do bairro. O cara fez até mestrado nos Estados Unidos, mas virou vendedor de maconha e cocaína em porta de escola pública, levou tiro na cabeça, ficou lelé e acabou um *wannabe* de pichador, conhecido por rabiscar a parede da casa de todos os adolescentes que ficaram devendo grana de droga pra ele.

A casa da frente da casa dos meus avós era de uma família bastante excêntrica que resolveu construir um castelo medieval com elevador panorâmico e aquelas sacadas redondinhas como se a Evita Perón fosse cantar de lá, imitando a Madonna imitando a Evita Perón.

A rua dos Gloriosos contava ainda com o que minhas tias apelidaram de Tchambolão. Um cara bem alto e bem bobo que, segundo elas, tentava transar com todo mundo. Ele andava pela rua gritando “Marcelinhooooo”, que era o nome do irmão dele, de cinco anos. O Tchambolão tinha uns trinta. Minha mãe gosta de explicar assim: “A pessoa com retardo é sempre muito taradona”. Morriam de medo que eu saísse na rua e o Tchambolão me pegasse. “Cuidado com o Tchambolão” foi a frase que mais ouvi na infância e depois durante a adolescência. Nunca vi o Tchambolão com nenhuma mulher e nunca soube de ele ficar dando em cima de mulher. Até hoje ele só é visto gritando “Marcelinhoooo!!!”. Talvez essa seja mais uma das lendas que minhas tias e minha mãe gostavam de inventar. A maioria das lendas da minha família é sobre alguém muito tarado e com retardo.

A rua dos Gloriosos também tinha a Chocolate, uma garota bem boazinha que menstruou pela primeira vez, aos onze anos, na escola, e ao apontarem a sujeira em sua calça ela cheirou e falou “é chocolate”. A rua toda ficou sabendo e minha família riu disso por muitos anos. Hoje em dia lembro dessa garotinha e queria ser a mãe dela e sair pela rua batendo em todo mundo que debochasse dela. Algumas pessoas também a chamavam de “A Fantástica Fábrica de Chocolate”. Dez anos depois, quando ela engravidou de um cara todo cheio de espinhas, falaram que era o cruzamento da Chocolate com o

Chokito e que nasceria o Lollo. Por causa dessa piada, os pais deram ao filho o nome de Lorenzo e o chamam de Lollo até hoje. Taí uma coisa bonita da rua dos Gloriosos: a gente aceitava a piada. Era um jeito de ser famoso, sei lá. Sacanear os outros era um jeito de amar. Ser humilhado, uma maneira de ser amado.

E assim foi a relação da minha avó com as três filhas, das irmãs entre si e de todas essas mulheres comigo. E assim foi, por muito tempo, a minha relação com conhecidos, amigos e namorados. Esmiuçar uma pessoa até reduzi-la à minha limitada compreensão, capturar um ser humano feito uma mosca tonta na minha rede de segurança e puxar setinhas a lápis e em cada uma botar o nome que darei para cada micropedacço desconjuntado de um microscópico corpo de inseto. Esse talvez tenha sido o jeito de amar que eu aprendi. E rir muito da cara de todos, sempre. E conhecer, analisar, maldizer, desacreditar. Catalogar, guardar. Depois, talvez, elevar, renomear as qualidades, abrir o tubo de ensaio.

3.

Oi, sou Karine, senha preferencial 105. Vim pra glicemia de jejum. Sim, estou em jejum. Sei lá, tenho tanto enjojo que devo estar em jejum há dez dias. Foi piada, moça.

Queria, sim, estava tentando. Sim, sempre quis. Mas como dá pra amar um amontoado minúsculo de células que simplesmente jogou uma bomba na minha vida, me diz? Eu até conversei com ele, no banho. Digo coisas como “mamãe vai te amar um dia, mas não está curtindo a gravidez, e isso não tem nada a ver com você”. Ou “estamos juntos tentando virar um ser humano, não vamos desistir”.

Só queria que alguém me abraçasse e falasse “sim, estar grávida é estranho”.

Tomei tanto Vonau que estou há nove dias sem fazer cocô. As pessoas falam “fui demitida justo quando comprei a casa” ou “ele me largou na missa de sétimo dia do meu pai”, e eu penso “nada pode ser pior do que não cagar, troca comigo de problema?”.

Quando escutei o batimento cardíaco, gravei no celular e mandei para alguns amigos e parentes. Ah, que dia maravilhoso! Depois, no banho, entrei no mais completo desespero. E se eu nunca mais conseguir trabalhar? Nem dormir? Nem ser jovem? Nem ser filha da minha mãe? Nem ser namorada do meu marido? Nem ser magra? Nem ser livre? Nem ser uma pessoa que decide ir ao cinema e simplesmente

vai ao cinema? Por que eu não estava plena, dando piruetas de contentamento?

Você tem filhos? Te falei que eu sou senha preferencial? Então por que a demora? Adoro ser preferencial. Nasci num bairro de São Paulo chamado Belenzinho. Tem gente que fala que esse bairro nem existe, que na verdade tudo ali é Mooca. E que, se existisse, nem é Belenzinho que fala, é Belém ou Brás.

Onde você nasceu, Beth? Agora você imagina ser a Karine do Belenzinho, e aos quinze anos começar a frequentar as matinês dos riquinhos. Foi quando eu descobri que estava tudo errado. Eu não tinha ideia de que estava tudo errado até começar a frequentar essas baladinhas vespertinas. Minha roupa, meu cabelo, meu nome, minha casa, minha escola. Perguntavam se eu era do Vera Cruz ou do Santa Cruz. Eu respondia que era de uma escola do Belenzinho. Riam e falavam “ela deve estudar no Cruz Credo”. Um pouco mais velha, nenhum garoto queria me dar carona para casa. Eu falava Belenzinho e eles respondiam “mas isso ainda é São Paulo?”. Uma vez um cara me levou até em casa e quis me agarrar no carro “pela gasolina” que gastou. Achei que era brincadeira e fiquei rindo, e ele sério. Saí correndo, rindo, balançando a cabeça. “Eu conheço cada cara engraçado.” Porque não dá pra imaginar que existam essas pessoas, né? Daí você me pergunta “então por que você não saía com os meninos do Belenzinho?”. Porque todos que eu conhecia eram da minha escola e na minha escola eu não era bonita. Um uniforme azul e amarelo enfiado num corpo magrelo. Eu só era bonitinha nas minhas roupas provocantes para ir nas matinês e naquela época as únicas matinês boas eram as dos riquinhos.

4.

Karine, senha preferencial 287, urina e ultrassom.

Prefiro urina primeiro.

Quando eu tinha uns seis anos, minha mãe sofria de cólicas terríveis porque seus rins estavam cheios de pedras. Algumas delas, de fato grandes e pontiagudas, enfeitavam um móvel no quarto dos meus avós, ao lado da caixa de pó de arroz e da caixinha de música (além de um dos pezinhos da bailarina estar quebrado, o som tocava baixo, falhado, esganiçado). Se eu apertasse a pedra cheia de pontas afiadas do rim da minha mãe, saía sangue do meu dedo. E eu apertava e pensava na minha mãe e que guerreira e maravilhosa e corajosa e sofredora era aquela mulher tão bonita que, não bastasse passar por aquelas cólicas tenebrosas, ainda cuidava das minhas crises de tosse alérgica por toda a noite.

Quer dizer, não era bem assim. Comecei a sofrer de tosse alérgica lá pelos cinco anos. Nessa época, minha mãe já pedia o divórcio para o meu pai havia muito tempo e ele não saía de casa. Então eu dormia na cama do casal, de mãos dadas com ela, e meu pai dormia no meu quarto. Quando eu desatava a tossir sem parar, minha mãe me levava no colo até o quarto em que meu pai estava (que era pra ser meu, no caso) e dizia “toma, eu preciso acordar cedo pra trabalhar, você não porque é um encostado, se não estiver contente sai dessa casa”. Em

alguns meses meu pai deu a separação que minha mãe tentava desde que eu tinha nascido.

Mas voltando às pedras nos rins (eram muitas e nos dois rins). Em uma das crises, minha mãe andava de quatro pela casa, vomitando. Minha avó me falava “olha para o outro lado, para que ficar encarando sua mãe, não vê que ela está mal? Vai brincar, porra!”.

E eu ia brincar porque tinham mandado, mas que criança brinca sabendo que a mãe está andando de quatro e vomitando pela casa? Achava que pedra no rim era algo que iria acontecer comigo na vida adulta e pensava “que terrível é a vida adulta”. E que terrível mil vezes, porque, pensa, quando se é adulto não basta passar por tudo isso, ainda tem os filhos e tem que cuidar deles. Ser adulto é passar mal e querer sua mãe mas já ser mãe e seu filho querer você. Então é como se a gente agendasse ficar mal para o outro ano, para outra vida. Agora não dá tempo de cair. Pular da janela está programado para quando meu filho estiver indo pra faculdade. Me desesperar, estou sem horário nesse semestre. Crise de pânico, tentei encaixar, mas não encontrei data.

Minha avó se sentia muito sozinha. Tenho certeza disso. Uma vez, quando uma panela de pressão explodiu no fogão, ela chorava desesperadamente e meu avô dizia “é só uma panela”. E ela respondia “você não entende porra nenhuma, filho da puta”. Minha família fala muito palavrão e ninguém entende ninguém. Ser adulto também é esse monte de mulher sozinha para sempre cuidando de um monte de mulher sozinha para sempre.

Quarenta e oito horas depois que minha avó morreu, completamente sozinha em casa, de infarto, minha mãe passou

mal, se jogou no chão dando murros no peito e foi levada às pressas ao hospital para ver o coração. Lembro que pensei “só me faltava ser alguma promoção tipo ‘morre um, enterra dois’”.